

FOLGUEDOS NATALINOS

PASTORIL

THEO BRANDÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Museu Théo Brandão

REITOR: Prof. Manoel Machado Ramalho de Azevedo

VICE-REITOR: Prof. João Azevedo

PRÓ-REITORES:

Prof. José Medeiros (Assuntos Estudantis e Comunitários) .

Prof. José Damasceno Lima (Assuntos Acadêmicos)

Prof. Audálio Cândido dos Santos (Assuntos de Planejamento)

CHEFE DE GABINETE: Prof. Elias Passos Tenório

DIRETOR DO MUSEU THÉO BRANDÃO: Prof. Fernando Lôbo.

Coleção Folclórica da UFAL

Museu Théo Brandão, de Antropologia e Folclore

Convênio: UFAL / CBDF

APRESENTAÇÃO

Uma apresentação para os trabalhos de Théo Brandão não deveria ser elaborado por um mero admirador de sua obra. Exige conhecimentos. Exige o sangue dos que dançam com o corpo e a alma sob os ritmos populares. Exige aquele embalo da viola chirona, do verso improvisado inteligentemente, das cores dos seus mateus, dos seus palhaços, das suas pastorinhas, dos seus... personagens que abastecem o quadro folclórico de Alagoas.

Não tenho a garganta para as cantigas de abrigo, de louvação ao dono da casa. Ignorado nos "entremeios", no máximo enveredo pela gulodice "dos pés de moleque, nos cuscus, de massa puba e de milho molhados com leite de coco, nas cocadas de coco verde, nos amendoins torrados, nos roletes de cana, nos pacotinhos de farinha de milho", (1)

Mas, atocaiado, o jeito que há é obedecer.

*"Te ajoelha Guerrêro,
Vai cumprí a tua sina,
Botemo joelho em terra
Vamo rezá o Divino". (2)*

Pois, sendo "papa-sururu", nunca afastado das margens lamacentas da Mundaú, não deixei de ser o índio que embora cansado, abatido, "mas ainda duelando, ora de joelhos, ora deitado, aos embolêus, espada na mão", (3)

*"Eu fui preso nesta aldeia
Numa grande disciplina
Numa roda de navaia
Vou cumprí a minha sina". (4)*

Théo Brandão é um patrimônio desta terra. Sua dedicação à cultura alagoana fá-lo imorredouro (se a ingratidão não incluído entre tantos levados pela memória de Augusto Vaz Filho).

Dai, toda uma preocupação que possui a Universidade Federal de Alagoas em tomar a iniciativa de implantar o seu Museu

de Antropologia e Folclore, como uma contribuição efetiva e permanente ao desenvolvimento sócio-cultural de Alagoas. Não mais uma instituição como tantas outras que morreram de inanição, marcando sua passagem entre nós, apenas, com o foguêto do nascedouro.

E o Museu, diferentemente dos que muitos possam entender, um órgão dinâmico. Não se constitui num mero depósito de material. Há um papel importante a desempenhar para o desenvolvimento de estudos, pesquisas sem se esquecer, evidentemente, da extensão, junto à comunidade.

Não se há de entendê-lo com simples promotor de exposições, nem se resumir num estimulante no alarido esfuziante dos folguedos que promove, porém compreendê-lo como instrumento pragmático, inclusive. Capaz de servir adequadamente para o "estudo do homem e de suas obras".

Já os antropólogos antigos "estavam imbuídos da convicção de que o conhecimento das culturas humanas daria vantagens práticas aos homens - na redução da crueldade, miséria e ignorância". (5)

Várias iniciativas já foram tomadas para instalação de um Museu nesta área. Inclusive projeto foi apresentado na Câmara dos Deputados. (6)

Acredito, profundamente, na importância do Museu Théo Brandão e no seu relevante papel.

Orgulha-me (desculpe-me a imodéstia) ter sido um dos responsáveis pela sua implantação. Fi-lo por dois grandes motivos. Primeiro, não se pode deixar morrer esse grande potencial folclórico alagoano, riquíssimo. Segundo, uma admiração profunda por este grande homem e cientista Théo Brandão. Se me é permitido um conselho, faço carecendo aos intelectuais alagoanos, aos homens públicos e à comunidade que sejam capazes de compreender a valiosa contribuição que esse Museu Théo Brandão poderá prestar ao engrandecimento de Alagoas. (7)

Maceió, janeiro de 1976.

JOÃO AZEVEDO

1. BRANDÃO, Théo - O GUERREIRO. DEC. — Avisos do Folclore de Alagoas Maceió, 1964 - p.07
2. Idem, p. 16
3. Idem, p. 20
4. Idem, Idem, p. 30
5. FELTZ, Peril J. — INICIAÇÃO AO ESTUDO DA ANTROPOLOGIA — Tradução Waltensir Dutra. 2ª ed. Zahar Ed. Rio. 1971 — p. 30
6. AZEVEDO, João. — Sínteses. Gazeta de Alagoas, 13.11.1964.
7. AZEVEDO, João. — Sínteses. Jornal de Alagoas, 30.11.1975.

O PASTORIL

O Pastoril, a segunda forma de auto da Natividade existente em Alagoas, é também o mais conhecido e popular folguedo natalino.

Fragmentação dos *Presépios* ou *Pastoris Dramáticos*, com supressão dos textos declamados e diálogos e acréscimos de fragmentos de Bailes Pastoris e canções, entreatos, e danças religiosas ou profanas de época e estilos variados, diferencia-se da versão pernambucana do auto porque, em Alagoas, o Pastoril, apesar das deturpações, da inclusão de música e textos profanos, nunca chegou, mesmo o Pastoril de rua, à licenciosidade, à chalça, à imodéstia dos trajes, gestos e costumes que caracterizam o Pastoril popular do vizinho Estado.

Encenado em casas de famílias, teatrinhos, auditórios de colégios ou em palanques especiais, armados nas festas de ruas ou praças, acompanhado de orquestra variada desde os violões e sanfonas até os conjuntos de sopro e percussão, compõe-se o Pastoril de um grupo de 12 a mais meninas, meninas ou mocinhas, dividido em dois cordões: o azul e o encarnado, cores que ostentam nas vestes (faixas, aventais, saias, blusas ou boleros), que levam à cabeça chapéus de palhinha, ou filó ainda toucados ou diademas, e que tocam pandeiros especiais de lata com cabo e sem tampo.

Entre os dois cordões que se dispõem em fila, no palco, um à direita, outro à esquerda, situa-se a Diana, pastora que veste metade de encarnado e metade de azul e por isso, como diz a cantiga, não tem partido:

*Sou a Diana, não tenho partido,
O meu partido são os dois cordões,
Eu peço palma, fitas e flores,
Ó meus senhores, sua proteção.*

Cerrando as duas filas, postam-se os dois Pastores, meninos de calça e blusa brancas, com faixas de sua cor, chapéu de palhinha e cajado na mão. As duas primeiras pastoras de cada cordão são chamadas de Mestra (a do encarnado) e Contra-Mestra (a do azul). As demais são nomeadas ou por sua ordem na fileira: 2º do Encarnado, 3º do Azul ou por nomes tradicionais originários de antigos bailes pastoris ou "partes" Presépio: A Camponesa, A Libertina, A Borboleta, A Estrela, A Cigana, O Anjo etc.

As canções dançadas denominam-se "jornadas" e cantam-se, uma após outra, sem qualquer diálogo ou texto falado a ligá-las, nem mesmo, na maioria dos Pastoris, sem qualquer ordem ou seqüência lógica.

Apenas, as jornadas iniciais ou Boa-noite e as finais — ou Despedidas referem-se a tais circunstâncias. Exemplos do Boa-Noite são:

*Boa noite, meus senhores todos
E estas minhas senhoras também,
As pastorinhas são coisinhas lindas
Para quem sabe gastar seu vintém,*

*Boa noite, meus senhores,
Minhas senhoras também,
Aqui 'stão as Pastorinhas
Que vieram de Belém,*

*Boa noite, a todos
Com a nossa chegada,
A nossa Diana
Foi quem deu entrada.*

*Mestra e Contra-Mestra
Beleza elas são,
E o resto do bloco
Venha no cordão.*

E de Retiradas ou Despedidas:

*A nossa jornada
Já vai terminar
Adeus, meus senhores,
Queiram desculpar.*

*Adeus, é tarde,
Devemos partir,
O dia amanhece
Queremos dormir,*

*Adeus, senhores
Que eu já me vou
Até para o ano
Se nós viva fôr.*

*E senhoras,
Não fiquem tristes
Que vamos embora.*

As demais "jornadas" cantam-se indiferentemente em qualquer ordem e referem-se, ou aos sucessos religiosos do Nascimento ou da Epifania, ou então às lutas dos partidos azul e encarnado.

As primeiras são por vèzes variantes de antigas canções de Natal portuguesas e espanholas:

*Que luzes são aquelas
Que vêm da parte do mar,
São os três Reis do Oriente
Que a Jesus vêm louvar,*

ou:

*Meia noite dava
Meia noite em pino,
O galo cantava,
Chorava o menino,*

ou:

*Vinde, pastóras do Egito
Correi tôdas, vinde ver
A pobreza da Lapinha
Onde Cristo quis nascer,*

ou:

*Vamos, pastorinhas,
Vamos a Belém,
Ver quem é nascido
Para nosso bem.*

E até mesmo uma versão de antiga canção de berço italiana:

*Lavava Maria
José estendia,
Chorava o menino
Do frio que fazia*

*(Maria lavava
Giuseppe stendeva
Suo figlio piangeava,
Del freddo que aveva)*

Noutros casos, as canções de Natal tradicionais no Nordeste como:

*Rufa pandeiro,
Maracá também,
Que já é nascido
Jesus em Belém.*

*As barras do dia
Já vêm clariando
Que belo menino
Na lapa chorando,*

ou:

*Aurora de hoje
Já amanheceu;
O belo menino
Na Lapa nasceu!*

ou:

*Já deu meia noite
O galo cantou,
Que belo menino
Na lapa chorou*

*Noite feliz,
Noite ditosa,
Noite pra nós
Tão venturosa .*

ou:

*Nasceu um menino
Na gruta de Belém
Tão doce e pequenino
Quanta beleza tem,
Ei-á, ei-á
Quanta beleza tem.*

ou:

*Vinte e quatro de dezembro
Meia noite deu sinal,
Rompe aurora a primavera
Hoje é noite de Natal,*

e até mais novas mas já muito queridas:

*Olhem que campina alegre
Onde Jesus nasceu,
Entre as palhas da lapinha
Jesus resplandeceu,*

ou:

*Natal, Natal, data santa
Que doce recordação,
Natal que a todos encanta
E alegre o coração!*

*Inda hoje, com encanto,
Entre risos, entre fiôres,
Se festeja, grande e santo
Salvador dos pecadores.*

Exemplo interessante de adaptação, aliás bem feita, de "jornada" para o Pastoral é a da canção norte-americana de Natal, o *Jingle Bells*, que traduzida no Brasil em discos, assim vem sendo cantada nos Pastorais alagoanos:

*Hoje a noite é bela
Juntas as pastorinhas
Vamos à capela
Felizes a rezar.*

*Ao soar os sinos
Sinos pequeninos,
Vai o Deus menino
Nos abençoar.*

*É Natal, é natal,
Noite de Natal,
Bate o sino em festa
Lá na Catedral.*

As "jornadas" de partidarismo exaltam os cordões ou as pastoras e os símbolos florais dos partidos: a rosa, do encarnado, e o cravo, do azul:

*Estrêla do Norte,
Cruzeiro sagrado,
Vamos dar um brato
Ao cordão encarnado!*

*Estrêla do Norte,
Cruzeiro do Sul,
Vamos dar um bravo
Ao cordão azul,*

ou:

*Em meu jardim eu tenho
Para ofertar a meu amor,
Cravos brancos e mil flôres
Com seu cheiro embriagador.*

*A linda mestra é uma roseira,
A contra-mestra é um craveiro,
A Diana é uma cravina
E as pastorinhas são as jardineiras,*

ou:

*Como vêm pisando em flôres
Como vêm tão bonitinhas,
Soltando cravos e rosas
Como vêm tão formozinhas.*

*Estas flôres que trazemos
Colhidas por nossas mãos,
Oferecemos aos partidários
Que apreciam o nosso cordão,*

*Meu São José dai-me licença
Para o Pastoril dançar,
Viemos para adorar
Jesus nasceu para nos salvar.*

*É do meu gosto
É da minha opinião
Hei de amar o encarnado (ou o azul)
Com prazer no coração,*

ou:

*Nós somos do encarnado
Côr dos nossos corações
Os nossos partidários
Quando entramos em cena
Vibram todos de emoção*

*Nos Somos do azul,
Côr do nosso céu de anil,
Os nossos partidários
Quando entramos em cena
A todos sorrisos mil.*

Tem sido esse partidarismo dos cordões, apesar dos tumultos, alterações brigas e disputas que ocasiona, um fator da preferência do Pastoril por todas as classes sociais e uma das causas de sua extraordinária persistência e difusão no Estado. Sob sua influência se vêm criando nos Pastoris práticas hoje tradicionais como os Leilões de Cravos e Rosas em que se apregoa um cravo e uma rosa:

*Aqui, senhores, frescas, viçosas,
Estão as flôres as mais formosas,
Rosas vermelhas, simples, singelas,
E o cravo branco, de aroma franco,*

a Chamada de Pastoras em cena para oferta de brindes e dinheiro, ao som de duas músicas populares que se fixaram em Alagoas como músicas respectivamente do azul e do encarnado e sob a seguinte redação:

*A vitória há de ser tua, tua, tua,
Pastorinha prosa,
Lá no céu a própria lua, lua, lua
Não é mais formosa,
Rainha da cabeça aos pés,
Pastôra, eu te dou grau dez.*

*Rainha maravilhosa
Cheia de encantos mil,
Pastôra maravilhosa,
Rainha dêste Pastoril,*

a campanha de votos para cada cordão, acompanhada de slogans rimados que exaltam um partido e depreciam o outro:

*O encarnado no seu palacete
O azul levando cacete*

*Azul é o céu, azul é o mar
Azul é a rainha que nós vamos coroar,*

o oferecimento de flores e buquês pelas pastoras, aos partidários:

*Seu Manuel queira se dignar
Receba esta flôr que a mestra lhe dá,*

a eleição e coroação das Rainhas de Pastoril.

De outro lado permitiu a introdução no auto de números e partes variados sem qualquer ligação com o mesmo, geralmente canções, danças, monólogos, diálogos da época e da moda, interpretados pelas pastoras em busca de aplausos e agradecimento a seus partidários. Assim, primitivamente, cançonetas, valsas, modinhas, introduziram-se como "partes" ou atos variados e depois à proporção que forem sendo músicas da moda compareceram tangos argentinos, fox-trottes, boleros, rumbas, congas, baiões e até as chamadas macumbas e xangôs, divulgados pelos ôiscos, além naturalmente do samba e dos maxixes brasileiros.

Aliás, após, a introdução dos alto-falantes nos Pastoris, e a dos animadores e locutores determinaram uma verdadeira hipertrofia dos números profanos de tal modo que muitas vezes nos Pastoris de praça pública levava-se uma noite sem que se ouvisse mais de duas "jornadas" — apenas a de entrada e a de despedida. Mais foi também o partidarismo que determinou a invasão dos Pastoris nas Rádios Emissoras, primeiro em Maceió e depois em Recife e em várias outras capitais do Nordeste — invasão que por sua vez determinou uma revivescência do folguedo naqueles Estados onde já estava a desaparecer.

Embora os Pastoris comuns e mais populares constem apenas de "jornadas" e números profanos, os pastoris mais bem orientados, mais tradicionais e religiosos costumam intercalar entre as "jornadas" fragmentos de Presépios e Bailes chamados geralmente "partes" como a da Cigana, que lê mãos e tira epörtulas pela assistência:

Cigana:

*Sou cigana por noite e por dia
De Belém o caminho procuro,
Quero ver se ao pequeno Messias
É propício ou é mau futuro.*

Côro:

*Tôda Cigana é ladina...
Oh meu Rico dai-me um vintém,
Para dar a Deus menino,
Nascidinho em Belém,*

da Borboleta, que passou para o Guerreiro na "parte" do mesmo nome:

Borboleta:

*Eu sou uma barboleta
Sou linda, sou feiticeira,
Ando no meio das flôres
Procurando quem me queira.*

Côro:

*Borboleta bonitinha
Saia fora do rosal,
Venha cantar doces hinos
Hoje é noite de Natal,*

do Caçador, fragmento do Baile do mesmo nome, recolhido por Melo Moraes Filho:

Caçador:

*Girando com todo empenho
Ando nesta brenha escura
Quanto mais infeliz sou
Mais a vontade se apura,*

do Fúria ou do Diabo, a seduzir pastoras e ameaçar meio mundo:

*No Inferno, no Inferno, meus senhores,
Tem prazeres, tem prazeres de encantar,
Quem sucia com Plutão,
Sabe rir, brincar, folgar.*

*Vinde, pastôra, eu quero falar-te
Para o inferno eu quero guiar-te,
Dou-te o meu tesouro,
Levanto montanhas de ouro,*

*Dou-te a minha riqueza
Que do inferno eu sou Rei,*

da Estrela que baila com seu diadema de falsos brilhantes:

*Boa noite a todos
Da minha chegada,
Sou a linda Estrêla
Bravos à entrada,
Sou a linda Estrêla
Lá do Oriente,
Estrêla do Norte sou
Onipotente,*

da Prisão da Contra-Mestra a mando da sua rival — a Mestra:

Camponesa:

*A mestra mandou-me
Aqui te procurar
E agora te encontro
Com estas correntes
Teus pulsos amarrar.*

C/Mestra:

*Soltai-me, soltai-me
Desta dura corrente,
Eu estou bem presa,
Pastora inocente,*

da morte da mesma, também causada pela Mestra:

Côro:

*Companheiras botem luto
Que a contra-mestra morreu,
Enquanto ela foi viva,
A professora, a professora não venceu.*

Mestra:

*Minha gente quando eu matei a açucena,
Eu não estava em meu sentido
Perdôa, minha açucena,
Este caso, êste caso acontecido,*

e ainda a do Velho pastor, da Lavadeira, da Camponesa, da Florista.

E, muitas vèzes, Bailes Pastoris completos, de origem sergipano-baiana, como o da Caridade ou do Mendigo, das Flores, dos Astros, da Graça Eficaz, das Quatro partes do mundo, do Despotismo, ou bailes engenhados entre nós como o de Ila, dos marujos, do Nascimento, da Seduzida (variedade do da Tentação ou do Fúria), das Quatro Verdades este último da autoria de D. Maria Amorim, uma das grandes ensaiadoras de Pastoris em Alagoas e que vem, há perto de dez anos, dirigindo o melhor Pastoral da cidade — o da Catedral Metropolitana.

Para tais "partes" e bailes as pastoras vestem-se a caráter, o mesmo acontecendo para os números e atos variados quando o assunto da canção o permite (Baianas, Portugueses, Índio, etc.). Para as coroações e mesmo antes da proclamação das Rainhas, alguns pastoris costumavam apresentar a mestra e a contra-mestra em vestidos de bailes de modelos de 25 anos atrás, da época justamente em que tais coroações foram introduzidas nos Pastoris.

È tamanha a preferência do povo pelos Pastoris em Alagoas, que todos os anos, somente em Maceió, saem mais de 10 conjuntos pelo Natal.

